

ARTE

# O ANO DE LAURA LIMA

Com três exposições marcadas só para este mês, em São Paulo e Milão, a artista cria universos absurdos para intrigar seus espectadores por Julia Flamingo

TECIDOS, BABADOS, dedais, fitas métricas, bordados, ferro, botões. O vocabulário tão associado ao universo da moda se faz bem presente no trabalho da artista plástica Laura Lima. Sua intenção, porém, não é produzir peças de roupa, e sim uma obra de arte.

No trabalho *Alfaiataria*, Laura leva máquinas de costura para dentro do museu. Entre a abertura e o fechamento das portas da instituição, alfaiates costuram sem parar e à vista do público. Ao final, os chamados “retratos” são criados a partir de desenhos e instruções da própria artista e resultam num total de 24 pinturas feitas de tecido. Apresentada primeiramente em 2014, na ocasião da mostra *The Fifth Floor*, no museu Bonnefanten, em Maastricht, na Holanda, a obra será reapresentada no octógono da Pinacoteca de São Paulo, a partir de julho.

Até lá, a artista mineira radica no Rio de Janeiro terá muito chão para percorrer. Com a agenda lotada, ela inaugura, este mês, outras duas coletivas em São Paulo, além de uma individual na Fundação Prada de Milão. Em comum, as exposições incluem seres vivos na apresentação das obras e carregam um tom um tanto surreal ou absurdo. “Quero dar um novo sentido para as coisas. Eu as tiro do seu estado natural para questionar a sua exis-

tência e a maneira como as assimilamos”, explica Laura.

*Imannam* é a exposição do Pivô, no Edifício Copan, que ela apresenta ao lado das artistas Anna Maria Maiolino e Ana Linemann. Quem subir as escadas para o primeiro andar do espaço deve sentir certo incômodo, já que ela diminui o pé-direito do espaço para 1,60m de altura. Os visitantes terão de se inclinar para passar pelo corredor da obra *Caramujo*. Já um segundo trabalho ergue uma parede a 30 centímetros do chão, tornando visíveis os pés de pessoas, cadeiras e mesas de uma sala ocupada pela equipe do Pivô.

“Me interessa entender de que maneira a arquitetura de um espaço pode influenciar no comportamento”, afirma.

Já a coletiva *Lugares do Delírio*, que também abre as portas em abril, no Sesc Pompeia, propõe reflexões entre arte e loucura e expõe seu curioso trabalho *Ascenseur*. Uma mão que sai de uma fenda embaixo de uma parede tateia o chão numa busca incessante por uma chave, jogada alguns centímetros à sua frente. A simplicidade e o drama fazem parte da proposta. Já a reação do público – de incômodo, susto ou comiseração – é impossível de prever.

Os questionamentos da artista são diretamente influenciados pela formação em Filosofia, além das Artes Visuais. Ela



Acima, Laura Lima. Na pág. ao lado, *Novos Costumes* (2007)







Acima e abaixo, trabalhos da série *Retratos* (2014-2015). À esq., registro de *Galinha de Gala* (2011). Na pág. ao lado, trabalho da série *Nômades* (2008)



“Quero dar um novo sentido para as coisas. Eu as tiro do seu estado natural para questionar sua existência e a maneira como as assimilamos”

nunca tinha ouvido falar em arte contemporânea até os 20 anos, quando ainda vivia em Governador Valadares (MG). Aos 23, já morando no Rio, Laura teve uma estranha epifania: levou uma vaca para passear à beira-mar. O trabalho inaugurou o corpo de obras denominadas *Homem=Carne/Mulher=Carne*, na qual qualquer ser vivo é encarado por ela como matéria. Assim, a artista não considera nenhum de seus trabalhos performances: são imagens em movimento, apresentadas durante todo o período de uma exposição, como qualquer outra obra. Ela conta ser irônico quando, em 2000, o MAM comprou duas de suas criações: “As primeiras performances adquiridas na história da arte brasileira foram aquelas que eu mesma não chamo de performance”, brinca. Marcantes em sua carreira são exposições como *Ágrafo*, em 2015, na Galeria Luisa Strina, em que gatos conviveram com obras durante uma semana, antes que qualquer visitante pudesse entrar. Para a Bienal de Lyon, em 2011, prendeu plumas de carnaval em galinhas, que ostentaram sua aparência pomposa num galinheiro instalado em plena exposição.

O ápice do 47º ano de Laura é sua grande individual na Fundação Prada de Milão. Em *O Cavalo Come o Rei*, ela expõe três obras ambiciosas em volumes diferentes de cisternas. Na primeira, constrói uma escultura monumental de uma escada sinuosa. Enquanto, no seu topo, um telescópio aponta para uma claraboia, um dos seus patamares terá espaço para que astrônomos ministrem aulas para visitantes. No segundo ambiente, Laura constrói um pêndulo gigante que se movimenta a partir da rotação da Terra. No centro, uma pintura do catalão Salvador Dalí, que nunca fica parada: “Tem coisa mais esquisita do que uma exposição em constante movimento?”, provoca. A terceira obra, única já apresentada anteriormente, em Varsóvia, consiste num pêsaro hiper-realista de penas pretas e uma envergadura de 11 metros. Para completar, o universo surreal da artista será explorado também em indivíduos no MAC Niterói, em setembro, e na galeria A Gentil Carioca, em dezembro. Ufa! No meio disso tudo, ela ainda cria Orfeu, seu filho de 10 anos, e diz ter uma vida calma, “que mais parece de interior”, em uma vila no bairro do Catete. ■